

MANOEL BANDEIRA

Foi Theophilo Gautier quem primeiro enunciou aquella theoria celebre, hoje batidissima, da Arte pela Arte. Alias, é um dos raros lugares communs que têm alguma razão de ser. Mas o proprio Gautier não a empregou em um bom sentido, o unico aceitavel, que ficou até ha bem pouco, obliterado, devido á poesia philosophica, á poesia scientifica e outras tolices do mesmo jaez.

A phrase de Flaubert, tão mal interpretada, não é muito mais do que uma variante daquelle principio:

«Um bello verso que nada significa, é inferior a um verso menos bello que significa alguma cousa.»

Só muito modernamente, porém, alguns poetas tiveram consciencia do preceito do auctor dos *Emmaux et Camées*. Aldo Pallazzeschi, por exemplo, possuiu-a sempre no mais alto grau. E foi precisamente a proposito d'elle que Loffici, o homem mais intelligente da Italia, expoz aquella ideia interessantissima que dá o clown como a figura do artista desinteressado, a ideia do divertimento pelo divertimento. A esthetica de Pallazzeschi coaduna-se bem com essa theoria. Elle proprio diz em poemeto admiravel:

«Chi sono?

Il saltimbanco dell'anima mia...

Foi Pallazzeschi como nota o mesmo Loffici quem como nenhum outro, talvez, usou de uma poesia comprehendida como simples capricho, como mera effusão de um estado lyrico qualquer que este seja, sem nenhum escopo, sem nenhuma razão de ser nem relação com os valores sociaes correntes.

No Brasil, quem se acha mais precisamente nesses casos é, sem duvida, Manuel Bandeira, o poeta do *Carnaval*. Não quero dizer que elle seja um epigono do creador de Perela. Ao contrario, sua obra reveste-se de tal cunho de originalidade que é inutil irmos procurar quem mais influencia exerceu sobre elle. Ha nella um pouco dessa

« — O meu Carnaval sem nenhuma alegria!... »

Essa melancolia é porém mais accentuada em sua primeira obra *A cinza das horas*, onde ha estes versos que poderiam servir de epigraphe ao livro:

« Fecha o meu livro, se por agora Não tens motivo nenhum de pranto... »

No Carnaval, talvez por exigencia do assumpto, essa melancolia quasi desaparece.

Citei essa particularidade da poesia de Bandeira precisamente para mostrar que a influencia de Pallazzeschi não existe ahi. E' sabido que o creador de Perela não admite a tristeza como elemento de emoção artistica. Em seu manifesto futurista de dezembro de 1913, declara sem ambages que o soliloquio de Hamieto, o ciume de Othelo, as furias de Orestes, o fim de Margarida Gauthier, os gemidos de Oswaldo, acompanhados por um publico intelligente, devem suscitar as mais clamorosas risadas.

E diz mais que as maiores fontes da alegria humana estão no homem que chora e no homem que morre. Nada disso se deduz da poesia de Manuel Bandeira.

□ Ella é antes de tudo, sua e só sua. Georg Brandes, o grande critico dinamarquez, em seu ensaio sobre Anatole France nota que os verdadeiros auctores se conhecem pelo facto de muitos de seus escriptos só poderem ser escriptos por elles e por ninguem mais. Por alguns de seus poemas, por todos elles, pode-se dizer de Bandeira que cabe bem entre elles, entre os verdadeiros auctores. Quem senão elle poderia ter escripto por exemplo, para só falar em sua ultima obra, as estupendas quadras dos *Safos*, a magnifica *Baladilha archaica*, o sentimental *Poema de uma quarta-feira de cinzas*, o *Sonho de uma terça-feira gorda* em que o verso livre foge a todas as regras consuetudinarias e mesmo aquelle bello *Rimancete* embora lembre um pouco Antonio Nobre?

A Manuel Bandeira cabe, pois, actualmente uma bella posição na literatura nacional: a de iniciador do movimento modernista. O auctor do *Carnaval* deu o primeiro golpe na poesia idiota da epoca em que ainda se usava o guarda-chuva, que é positivamente uma prova evidente do mau gosto esthetico dos nossos avós.

Sergio Buarque de Hollanda



Manoel Bandeira, o consagrado poeta do «Carnaval».

melancolia muito brasileira que existe por exemplo naquelle verso, o ultimo de seu ultimo livro:

do
Fon - Fon
da Cap. Federal
de 18 fevereiro de 1922